

Correio Popular - 31-X-1975

Interrupção necessária e final

(Em torno de um artigo do sr. Jolumá Brito)

Odilon Nogueira de MATOS

O "Breve Relatório" a que fiz menção na série que interrompi para comentar o artigo de Jolumá Brito referia-se, como deixei bem claro, exclusivamente ao problema das fontes primárias, não cogitando da numerosa bibliografia existente sobre a história da cidade. Abriu, apenas, uma exceção justamente para Jolumá Brito. E para quê? Para dizer que sua obra não podia ser ignorada por quantos se interessassem pela história de Campinas. As restrições que lhe tenho feito (e que são puramente da ordem metodológica) não me levariam jamais a ignorá-la. Eis porque me surpreendeu ter o ilustre historiador julgado necessário alegar todo o seu trabalho em prol da história campineira, bem como todos os seus títulos, como se eu os houvera negado. Meu caro Jolumá Brito: se há pessoas em Campinas que o ignoram e o omitem, inclusive copiando-o sem citar, por favor não cometa a injustiça de me incluir entre elas. Muito ao contrário, tenho sempre indicado seus livros aos meus estudantes ou a pesquisadores interessados em nossa história naturalmente com aquelas restrições de ordem metodológica que, por honestidade profissional não posso calar, as quais, como disse, por maiores que possam ser não me levariam nunca a desmerecer seu trabalho. Muitas e muitas vezes tenho dado aos meus alunos, como temas de trabalhos de classe, pesquisas em torno de sua obra, a fim de respirar, ao longo dos seus trinta volumes, os temas de maior interesse para a história social, para a história econômica e para a história cultural, que são as três áreas nas quais se concentra a maior parte de meu trabalho da cadeira de História do Brasil em nossa Universidade Católica. Um desses trabalhos, elaborado por antiga aluna, hoje professora, chegou a ser publicado na conceituada "Revista de História", de São Paulo. E ainda há pouco, em meu último livro, "Café e Ferrovias", já em segunda edição (pág. 109) remeti os leitores a Jolumá Brito. Por que? Simplesmente porque naquele passo de meu livro tratava de assunto que não julgava necessário aprofundar, enquanto que Jolumá Brito publicara sobre o mesmo assunto páginas de grande conteúdo. E honestamente enviei os interessados ao meu livro, com indicação precisa de volume e de página, como devem ser as referências bibliográficas. Creio que esses exemplos bastam para provar que não ignoro, nem omito e nem desprezo meu preclaro colega de imprensa e de pesquisa. Assim, quase a metade do que escreveu em "Mestre Odilon" poderá servir a outros, que não a mim...

Jolumá Brito, sempre que tem oportunidade volta-se contra a comissão que fixou a data da fundação oficial de Campinas. Muitas vezes com palavras pesadas, chamado os membros da referida comissão de incompetentes e levianos, capazes de liaquear a boa fé de uma Câmara inteira. Acontece, entretanto, que Jolumá também fazia parte da comissão designada pela Câmara, e simplesmente não compareceu à reunião em que o assunto foi debatido. Foi pena, porque certamente o ilustre historiador, com todos os argumentos que possui, poderia, com facilidade, ver seu ponto de vista vitorioso. Tratando-se de assunto de suma relevância para aquela edilidade, o nobre colega, imposto de comparecer, certamente por motivo especial, poderia ter enviado seu parecer e nesse caso, ainda que (admitamos) fosse voto vencido, teria mais autoridade para criticar a comissão do que simplesmente omitindo-se, como o fez. Aliás, para mim o assunto não tem relevância. Na história de uma cidade há coisas muito mais importantes do que a data da fundação ou nos nomes dos fundadores. Jamais me prenderia a esses tópicos e creio que grande parte do atraso de nossa historiografia urbana, face a de outros países, reside justamente na circunstância de não ter ela ainda superado essa fase primária da pesquisa. Mas há os que não pensam assim, e não tenho senão que respeitar seus pontos de vista.

Reside aqui outro ponto em torno do qual Jolumá e eu falamos linguagem um pouco diferente. Jolumá preocupa-se com o povoamento enquanto eu me preocupo com os lineamentos urbanos. As formas primárias e primeiras de ocupação da terra, através de sítios, roças, ranchos, poucos, etc., não constituem, ainda, indícios de organização urbana. É comum, na história de nosso país, as cidades surgirem quando já nem mais existem os primeiros povoadores da região. Não é, obviamente, o caso de Campinas, pois ao se esboçarem os primeiros lineamentos da organização urbana, aqui ainda viviam tanto Barreto Leme, como os seus principais companheiros. É pela mesma razão que não aceito a data de sesmaria como a da fundação, pois a sesmaria, em si, não implica necessariamente em organização urbana. Ninguém irá dizer que Brasília foi fundada no século XVIII se alguém descobrir que a nova capital foi fundada em terras de uma sesmaria doada a algum bandeirante nos meados daquela centúria. Nossos pontos de vista não se contradizem, antes se completam, pois enquanto Jolumá pensa em termos de povoamento da região, eu pensava (e foi o que prevaleceu na comissão) em termos de organização urbana.

Se há diferença fundamental entre a historiografia antiga e a moderna é a que se refere ao tratamento das fontes. A historiografia do passado realmente, não era muito cuidadosa a este respeito. Partia-se do princípio de que todo o mundo devia acreditar no historiador e... pronto! A historiografia moderna foi, pode-se dizer, para o extremo oposto. É rigorosa até demais na exigência das fontes. Tome-se a bibliografia histórica de qualquer país, ou mesmo as centenas de teses universitárias já apresentadas em nosso meio. O pesquisador não só é rigoroso nas indicações bibliográficas, como, no caso de documentos, não se limita a dizer os arquivos onde eles se localizam, mas indicam até os maços ou as caixas onde eles estão depositados. A indicação precisa das fontes atende dois objetivos: é uma defesa do autor, no caso de alguém pôr em dúvida suas afirmações; mas, há acima disso, um interesse ainda maior, que é permitir que o leitor possa ir além de onde o autor foi. Isto, para quem escreve um livro, é muito importante: entender que um leitor possa querer mais e uma coisa, que, no ato de escrever o livro, não esteve nas cogitações de seu autor. E neste caso, indiquemos-lhe as vias necessárias.

Aqui é onde a nossa linguagem (a de Jolumá Brito e a minha) mais se distancia, pois o autor da "História de Campinas" pensa de maneira oposta. Ele propositalmente não cita as fontes, para que ninguém se aproveite de seu trabalho! Foi o que ele próprio confessou em seu "Mestre Odilon"...

São duas maneiras de fazer história: respeito a Jolumá (pois ele, pelo menos, é honesto na confissão) como ele haverá certamente de respeitar a minha, sem necessidade de polemizarmos sobre o assunto.

Ficamos contentes em saber que Jolumá Brito foi convidado para participar do Congresso de História no Rio de Janeiro, pois assim teremos oportunidade de lá nos encontrarmos, pois também fui convidado, como diversas outras pessoas de Campinas o foram, com ofício exatamente igual ao que foi enviado a Jolumá Brito, e que ele transcreveu em seu artigo. Ótimo! Isto significará que, se todos puderem comparecer, teremos lá, no velho "Silojeu Brasileiro" uma boa equipe campineira, todos empenhados no mesmo objetivo e voltados para o mesmo ideal.